



MEMÓRIA E(M) DISCURSO NA PANDEMIA DE COVID-19: O ACONTECIMENTO DO VÍRUS E A ARTE EM REDE

MEMORY AND DISCOURSE IN THE COVID-19 PANDEMIC: THE EVENT OF THE VIRUS AND NETWORK ART

Marco Antonio Almeida Ruiz¹
Lucília Maria Abrahão e Sousa²

Resumo: Este artigo tem como objetivo observar os efeitos de sentidos criados com a emergência de memoriais virtuais que ressignificam o acontecimento da pandemia de Covid-19 no Brasil. Assim, tais memoriais, a nosso ver, constituem como acontecimentos discursivos capazes de restaurar e ressignificar novas memórias sobre o morrer, (re)contando-as por meio da arte e da resistência, além de desregular os implícitos e já ditos cristalizados por práticas sociais numa memória social. Para esta nossa reflexão, selecionamos algumas publicações do perfil @Museudoisolamento da rede social *Instagram* e na página eletrônica com o mesmo nome a fim de analisar a oposição vida *versus* morte e os efeitos de sentido gerados quando tais discursos se (re)produzem em meio digital.

Palavras-chave: discurso; memoriais virtuais; Covid-19.

Abstract: This article aims to observe the effects of meanings created with the emergence of virtual memorials that resignify the event of the Covid-19 pandemic in Brazil. Thus, such memorials, in our view, constitute discursive events capable of restoring and reframing new memories about dying, (re) telling them through art and resistance, in addition to deregulating the implicit and already said crystallized by social practices in a social memory. For our reflection, we selected some publications from the @Museudoisolamento profile of the social media *Instagram* in order to analyze the opposition life versus death and the effects of meaning generated when such discourses are (re) produced in digital media.

Keywords: discourse; virtual memorials; Covid-19.

1. PALAVRAS INICIAIS: UM ANO QUE ELIMINOU SENTIDOS NATURALIZADOS



Figura 1: Arte de Laura Toyama
Fonte: Museu do Isolamento

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos e em Sociologia (cotutela) pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris. É professor adjunto de linguística e língua portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. marcoalmeidarui@gmail.com.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2438-9252>

² Docente com dedicação exclusiva na Universidade de São Paulo. luciliamsr@ffclrp.usp.br.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4585-9287>

³Embora pouco usual, manteremos imagens como epígrafe para cada parte do trabalho, já que elas estão em relação com o que discutimos. Imagem do Museu do Isolamento. Disponível em: <https://www.museudoisolamento.com>. Acesso em: 20 jan. 2021.

O ano de 2020 ficará marcado na história como o ano de grandes mudanças e transformações sociais. Nesse cenário foi preciso ressignificarmos nossos modos de vida em razão do surgimento de um vírus aparentemente desconhecido e bastante letal, o SARS-CoV-2, que causa a Covid-19. Segundo informações que circularam em vários veículos midiáticos na época do início do surto, o vírus teria surgido na cidade de Wuhan, na China, onde foram registrados os primeiros casos de infecção no final de 2019, com as primeiras mortes no início de 2020, indicando uma doença altamente contagiosa e letal para a qual não se mostraram eficientes os remédios conhecidos pela medicina⁴.

A disseminação rápida da doença varreu as certezas conhecidas pela ciência, inscreveu um abismo diante do volume de mortos e modificou os modos de convivência social e os hábitos de higiene pessoal, assim como possibilitou recriar novos gestos de cuidado com o outro, já que a única forma de proteção era manter uma distância segura para evitar a sua disseminação. Logo, se antes amar significava estar “junto e misturado”, com a pandemia⁵, a distância tornou-se um ato de carinho também consigo. Os números alarmantes de casos e mortes em todo o mundo (no Brasil, por exemplo, segundo dados oficiais divulgados em maio de 2021, já ultrapassamos os quatrocentos e quarenta e um mil óbitos e mais de quinze milhões de casos confirmados⁶) produziram uma espécie de cooperação científica globalizada com centros de pesquisa, universidades, laboratórios e cientistas interessados na corrida por uma vacina capaz de prevenir as populações.

Nesse caminho, como vemos na imagem de epígrafe para nossas reflexões, os seres humanos precisaram se isolar e, quando no encontro com o outro, usar máscara para cobrir o nariz e boca, além de terem de abrir mão dos abraços e carinhos próximos. Com isso, foi preciso se redescobrir, se reinventar diante de tantas mudanças e de um “novo normal” latente e imposto pela grave crise sanitária. Foi preciso inscrever novas formas de interação social que não colocassem em risco a vida, a nossa e a do próximo; o isolamento e o distanciamento social tornaram-se imperativos durante todo o período de quarentena que se estende(u) por mais de um ano. Com os efeitos de transmissibilidade, risco de contaminação e morte em circulação, tornou-se uma ordem ficar restrito ao ambiente privado com poucas e raras inserções em ambientes públicos.

No Brasil, além dessa grave crise de saúde, vivemos uma crise política sem precedentes com a figura de um chefe de Estado que insiste diariamente em minimizar e zombar da doença chamando-a de “gripezinha⁷”, em normalizar as mortes como naturais e inevitáveis, em negar os paradigmas científicos, em difamar os pesquisadores empenhados no desenvolvimento da vacina, em omitir os dados e as estatísticas sobre a situação nos hospitais do país e em não manifestar em momento algum qualquer tipo de empatia, amor com as famílias dos mortos. Além de declarações infelizes como essa, não podemos deixar de destacar outras irresponsáveis afirmações do presidente do Brasil que simbolizam um total descaso e desprezo com o seu povo brasileiro acometido pela doença e que ainda vem matando milhares de cidadãos, tais como: “Todo mundo vai morrer um dia” (29/03/20); “Vai morrer gente? Vai” (30/03/20); “Eu não sou covão” (20/04/20); “E daí? Lamento. Quer que eu faça o que? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (28/04/20), entre outras (SOUSA; GARCIA, HERCULINO, 2020). Tais afirmações só mostram

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/qual-e-a-origem-do-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 18 mai. 2021.

⁵ Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decreta pandemia do novo coronavírus por considerar sua rápida propagação atingindo, assim, um grande número de pessoas ao redor do mundo. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/11/coronavirus-oms-decreta-pandemia-mas-o-que-isso-muda.htm>. Acesso em: 13 jan. 2021.

⁶ Dados coletados até 20 de maio de 2021. Disponível em: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F015fr&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>. Acesso em: 20 mai. 2021.

⁷ Em um pronunciamento oficial na rádio e na TV, o presidente brasileiro, em 24 de março de 2020, comparou a doença a uma “gripezinha” ou “resfriadinho”, debochando de um vírus que já matou milhares de brasileiros e brasileiras até o momento. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/03/24/interna_politica,1250005/ha-um-ano-bolsonaro-chamava-covid-de-gripezinha-em-rede-nacional-relembre.shtml. Acesso em: 18 mai. 2021.

o despreparo, incompetência e negligência no tocante ao controle da Covid-19 no país, representando um governo inepto e genocida que não demonstra nenhuma empatia pelo seu povo.

Assim, esse funcionamento oculta a memória do horror da morte e marca a naturalização dos efeitos do morrer, silenciando a dor dos doentes e das famílias enlutadas pela dor profunda da perda do seu ente querido, que morre sozinho sem direito à companhia de ninguém e à despedida. Ademais, o impedimento do ritual fúnebre, com direito ao velório com o corpo presente e ao enterro, e a impossibilidade de se aproximar dos locais devido ao alto grau de contágio do vírus, além do rápido processo de cremação ou enterros às pressas, agudizam ainda mais a dor dos que ficam.

Cenas estarrecedoras passaram a circular midiaticamente em relação aos corpos mortos, amontoados em sacos plásticos, em caminhões frigoríficos, em valas comuns, em contêineres de refrigeração instalados próximos aos hospitais de várias cidades como forma de conservar os que chega(va)m a cada dia, sem outras anotações que não números de prontuários, o que apaga os traços singulares de cada morto e a subjetividade dos familiares.

Paralelamente a esse caos político instaurado em nosso país, como atos de resistência a essa política genocida⁸ e a falta de gestão no controle da pandemia, surgiram diferentes formas de ressignificar as mortes ocasionadas pela doença. Na maioria das vezes, inscritos pelo/no digital os modos de dizer disso passaram a circular socialmente, inscrevendo um jeito de lembrar simbolicamente os entes queridos brutalmente arrancados de seus familiares em razão de um vírus sem controle no Brasil. Em consonância com as teorizações de Pêcheux (2014) e Orlandi (2006) tomamos os memoriais virtuais como lugares discursivos de/para lembrar e rememorar o morto, a morte (e, no avesso dela, a vida) e a pandemia em tempo de isolamento, de impotência diante do vírus e dos efeitos dele e do esgarçamento da vida. Tais memoriais inscrevem a injunção da língua na história e fazem movimentar e circular sentidos nas redes sociais. *Instagram*, *Twitter*, *Facebook* e páginas eletrônicas são exemplos desse processo de produzir o dizer e colocar em circulação efeitos de/para vivificar o morto, humanizá-lo recuperando sua trajetória, tecendo pedacinhos da vida, singularidades e gostos dele, recuperando dizeres de parentes e amigos que restaram enlutados.

Esses espaços discursivos ganharam visibilidade como, por exemplo, *@Inumeraveismemorial*⁹, *@Reliquia.rum*¹⁰, *@Museudoisolamento*¹¹, *@santinho_2020*¹², assumindo a posição de resistência pelo político e pelo poético diante do discurso oficial, dos números, inscrevendo um modo de elaboração do luto no laço social, trazendo um gesto de solidariedade diante de tanta tristeza em relação à dor das mortes. De maneira geral, tais memoriais virtuais tornam-se a “percepção desta impossibilidade de prosseguimento e até mesmo uma supressão repentina dos rituais de luto, sejam eles quais forem, como uma violência a respeito da qual se deve fazer alguma coisa” (BALDINI; NASCIMENTO, 2021, p. 75). Em outras palavras, eles constituíram um arquivo que discursiviza o um a um de cada sujeito que perdeu a vida no Brasil durante a pandemia, desregulando as paráfrases criadas acerca da memória da morte que surgem como uma rede de memórias a possibilitar a retomada de discursos já-ditos, pré-construídos, atualizando-os à historicidade do momento.

Além disso, trata-se de observar a construção dos efeitos gerados nesses memoriais quando o morrer deixa de ser apenas um conjunto de cifras, estatísticas e números dispersos em

⁸ Para exemplificarmos tal afirmação, vale destacarmos uma *live* feita pelo presidente em seu perfil em rede social, no dia 25 de fevereiro de 2021, quando ele relativiza e critica, novamente, o uso da máscara e o distanciamento social, dois métodos recomendados para conter o avanço da Covid-19. Como argumento falho, ele disse que “não entraria em detalhes” porque “tudo deságua em críticas” sobre ele. Até aquele momento, no dia em que o Brasil tinha alcançado altos números de mortes em 24 horas, o presidente, mais uma vez, contrariando recomendações de cientistas e da ciência, instiga o não uso da máscara usando-se de informações falsas ou da falta delas, o que ratifica, ainda mais, sua política de morte. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/volta-as-aulas/noticia/2021/02/26/o-que-diz-o-estudo-alemao-sobre-mascaras-em-criancas-tema-citado-em-live-por-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 18 mai. 2021.

⁹ Disponível em www.instagram.com/inumeraveismemorial/. Acesso em: 11 jan. 2021.

¹⁰ Disponível em www.instagram.com/reliquia.rum/. Acesso em: 11 jan. 2021.

¹¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/museudoisolamento/>. Acesso em: 11 jan. 2021.

¹² Disponível em: https://www.instagram.com/santinho_2020/. Acesso em: 11 jan. 2021.

gráficos e vetores, e o recoloca e o desloca para outras instâncias do dizer, ligadas ao não esquecimento e à necessidade de lembrar. Sobre isso, Bauman e Donskis (2019, p. 24), em *Mal líquido: vivendo num mundo sem alternativas*, afirmam que:

em tempos de convulsão ou de mudanças sociais intensas, e em conjunturas perigosas, as pessoas perdem um pouco de sua sensibilidade e se recusam a aplicar a perspectiva crítica às outras pessoas. Elas simplesmente eliminam a relação ética com os outros. Esses outros não se tornam necessariamente inimigos ou demônios, são mais como estatísticas, circunstâncias, obstáculos, fatores, detalhes desagradáveis e barreiras impeditivas (BAUMAN; DONSKIS, 2019, p. 24).

Tal reflexão possibilita-nos a pensar sobre a ausência de políticas públicas no combate ao vírus e sobre a banalização da morte que vem ocorrendo nos últimos meses em nosso país. Por conseguinte, os memoriais virtuais que irromperam durante a pandemia quebram, de certo modo, o efeito de evidência ideológica (PECHEUX, 1969) e de naturalização dos dados numéricos e funda, na circulação das redes, um campo do simbólico sensível que resiste ao discurso normatizado promovido pelos órgãos oficiais e vivifica as mortes do país, exaltando as singularidades dos entes queridos por meio de memórias publicizadas na malha do digital.

Ademais, nesse deslocamento de sentidos da morte promovido pelos memoriais, buscamos observar a inscrição de memórias que fraturam o sentido de evidência estabilizada sobre a morte e abrem espaço para que outras formas de dizer em suas diferentes materialidades – imagem, texto, animação, som – possam ser (re)inscritas na história, fazendo falar formulações sobre sujeitos que seriam silenciados fora desses espaços. Nosso objetivo é analisar discursivamente a pandemia aos olhos da Análise do Discurso de matriz francesa, mais especificamente, as noções de acontecimento na perspectiva de Michel Pêcheux (2008), observando as formulações do “Museu do isolamento”.

2. ACONTECIMENTO E MEMÓRIA: ALGUMAS REFLEXÕES



Figura 2: Fotografia de Gabriela Perseguin
Fonte: Museu do Isolamento

Para nós, analistas do discurso, o passado não se torna um tempo encerrado que deve ser esquecido, mas é um espaço de memórias cujo efeito de inominável e medo configura-se sempre em uma trama de retornos e deslocamentos por (res)significar. Entendemos a pandemia da Covid-19 como um acontecimento na história que coloca em funcionamento dizeres derivados do ponto de encontro entre uma memória e sua atualidade. Ou seja, trata-se

Da possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes [de memória] e trajetos [sociais]: todo discurso é o índice potencial de uma mexida nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que constitui simultaneamente um efeito dessas filiações e um trabalho [...] e deslocamento em seu espaço [...]. (PÊCHEUX, 2008, p. 56).

¹³ Imagem do Museu do Isolamento. Disponível em: <https://www.museudoisolamento.com>. Acesso em: 20 jan. 2021.

Assim, quando afirma salientar as filiações (memória), por um lado, e o deslocamento de outro, o filósofo francês parecia preocupado em analisar o processo de circulação discursiva em grande escala com o objetivo de colher os diversos efeitos de sentidos gerados, em contraponto ao que é logicamente estabilizado. Esse acontecimento, marcado pela/na pandemia, permitiu que outros fatores se sobressaíssem, gerando novas instâncias de memórias discursivas como, por exemplo: a) (res)significação da morte e do luto; b) a ciência na corrida contra o tempo na busca de uma vacina ou da cura para essa enfermidade grave; c) a emergência de movimentos políticos e poéticos que ressaltam as mazelas e as dificuldades dos países na luta contra o vírus. É este último item que propomos analisar aqui, investigando como ocorrem esses movimentos políticos e poéticos na ressignificação da morte em rede, os quais vão além da quantificação de dados e relatos da morte e configuram um espaço discursivo de resistência e de desregulação da memória, promovendo assim o (res)significar de certas práticas historicizadas a partir do acontecimento pandêmico.

Michel Pêcheux (2008), em sua obra *O discurso: estrutura ou acontecimento* problematiza a temática do acontecimento. Para ele, o acontecimento não concerne apenas ao fato exterior do discurso, ao contrário, é parte constitutiva da discursividade. Assim, segundo o autor, é responsável pelo embate entre uma memória e uma atualidade, não permite uma recorrência do repetível, mas uma ressignificação. Em outras palavras, podemos dizer que enquanto a memória configura-se no estabelecimento de uma regularidade enunciativa, o acontecimento, por sua vez, promove, contrariamente, uma irrupção. “O sentido, então, emerge da materialidade discursiva em relação com a história e com o acontecimento, uma vez que a materialidade linguística em si não dá conta do seu sentido” (SANTOS, 2013, p. 231).

Desse modo, Pêcheux problematiza a noção de acontecimento mobilizando o seguinte excerto: “Paris, 10 de maio de 1981, 20 horas (hora local): a imagem, simplificada e recomposta eletronicamente, do futuro presidente da República Francesa aparece nos televisores... Estupor (de maravilhamento ou de terror): é a de François Mitterand!” (PÊCHEUX, 2008, p. 19). Logo em seguida, cita os seguintes enunciados que emergiram com esse acontecimento: “F. Mitterand é eleito presidente da República Francesa”; “A esquerda francesa leva a vitória eleitoral dos presidencialistas” (p. 19). Irrompe, assim, o enunciado “On a gagné”/ “Ganhamos” como um clamor popular na Praça da Bastilha, o qual é perpassado pelo grito coletivo de torcedores esportistas que materializavam “a festa da vitória da equipe, tanto mais intensamente quanto ela era mais improvável (...)” (p. 21). O grito coletivo era a forma de exaltar o resultado inédito das eleições presidenciais na França; o filósofo afirma que tal fato de “ganhar” as eleições e Mitterand tornar-se presidente é um acontecimento, deslocando um enunciado típico de um campo esportivo para a de uma “super-copa de futebol político” (p. 19), como forma do funcionamento da maquinaria midiática.

A materialidade discursiva desse enunciado coletivo é absolutamente particular: ela não tem nem o conteúdo nem a estrutura enunciativa de uma palavra de ordem de uma manifestação ou de um comício político. ‘On a gagné [‘Ganhamos’], cantado com um ritmo e uma melodia determinados (on-a-gagné/dó-dó-sol-dó) constitui a retomada direta, no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos torcedores de uma partida esportiva cuja equipe acaba de ganhar. (PÊCHEUX, 2008, p. 21).

Nesse caminho, o enunciado *On a gagné* sobredetermina o acontecimento, em que Pêcheux sublinha a sua “equivocidade”. Ao ser discursivizado, no ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória, o acontecimento torna-se opaco e gera, com isso, uma questão voltada ao “estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de respostas unívocas (...) e formulações irremediavelmente equívocas (PÊCHEUX, 2008, p. 28). “O apagamento do agente induz um complexo efeito de retorno, misturando diversas posições militantes com a posição de participação passiva do espectador eleitoral, torcedor hesitante e cético até o último momento (p. 24-25), é pensar o enunciado como objeto de fusão “[d]aqueles que ainda acreditavam nisso’ com ‘aqueles que já não acreditavam” (p. 25). Ao grito se entremisturam posições, atravessadas

pela historicidade, pela ideologia, pela posição de quem fala, deslocando aquele acontecimento, do campo esportivo, para o campo político, atualizando a memória do momento.

Pensar a pandemia de Covid-19 discursivamente, em especial observando as (res)significações da morte e do morrer, e tratá-los como um acontecimento na história, é buscar compreender as novas redes de filiações e circulação de discursos que aparecem em distintos lugares de circulação, compondo diferentes materialidades. Em nosso caso, por exemplo, trata-se de analisar a passagem das estatísticas registradas pelo discurso oficial (ou do senso comum), em que os mortos “perdem” a identidade, para a sua (res)significação nos memoriais virtuais, que irrompem durante esse momento de grave crise de saúde pública, além de dar voz, corpo e sentido aos mortos e enlutados, identificando-os como cidadãos brasileiros, queridos por muitos, que perderam a vida na luta contra o vírus.

Diante das condições de produção no e pelo discurso, vemos a instauração de outras redes de memórias sobre a morte e sobre o luto diante do acontecimento da pandemia. A nosso ver, os memoriais emergem como instâncias discursivas que deslocam a memória da morte de um campo a outro, quais sejam, i. do número para a biografia singular, ii. da saúde à política (pela política da morte) e ao jornalismo (da lembrança e empatia)¹⁴, iii. do efeito de horror para a arte. Criam-se, com isso, outros sentidos que deslocam o já falado e promovem redes de filiação dos sentidos e efeitos dessa memória.

Diante disso, ao considerar a memória, é preciso pensá-la a partir do discurso que sustenta uma anterioridade e que se constitui a partir dela para ultrapassá-la. Logo, as palavras já ditas adquirem estabilidade na ordem do repetível, deslocando-se em diferentes contextos sócio-históricos e ideológicos; o domínio da memória determina como a materialidade discursiva funciona

(...) em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 2010, p. 52).

Ao pensar que as palavras não significam por si só, é necessário compreender os seus deslocamentos de sentidos que se ligam a partir de seus contextos e conjunturas históricas que se inscrevem num jogo de deslocamentos, repetições e atualizações. A memória, na perspectiva pecheuxtiana, ganha corpo na língua a partir da divisão dos sentidos, da contradição entre o mesmo e o diferente, da tensão criada entre a repetição, a ruptura e o deslocamento. Nas palavras do autor, trata-se de “um jogo de força na memória sob o choque do acontecimento” (PÊCHEUX, 2010, p. 53). Assim, pensar essa relação entre a memória e o acontecimento é trazer à tona a dialética histórica causada pela tensão e disputa entre as diferentes posições de poder, num jogo constante de lembrar e esquecer, poder dizer ou ficar em silêncio, repetir na ordem do discurso tudo aquilo que pode se estabilizar nas redes de memória ou romper com as repetições, promovendo, com isso, novas regiões de filiação dos sentidos. Tal domínio de memória implica num

- Jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como ‘boa forma’, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo;

- Mas também, ao contrário, o jogo de força de uma ‘desregulação’ que vem perturbar a rede dos ‘implícitos’.” (PÊCHEUX, 2010, p. 53).

Em virtude disso, estamos pensando no processo de regularização e desregularização que assume, na materialidade discursiva, o ponto de encontro de uma memória com sua atualização,

¹⁴ Vejamos, por exemplo, novas ressignificações da memória quando são expostas no plano de fundo do Jornal Nacional fotografias de brasileiros e brasileiras que perderam a batalha para o vírus ou, também, um quadro no Fantástico, *Inumeráveis*, em que vemos artistas globais reproduzindo falas de familiares relembando as vítimas.

e nele pode-se encontrar a injunção da história na língua. Para isso, vejamos a seguir um gesto de leitura de recortes do perfil *Museu do isolamento*, analisando como os efeitos de vida e morte inscrevem-se na relação com o dia a dia da sociedade.

3. GESTOS DE LEITURA SOBRE A PANDEMIA: A ARTE PARA NÃO PERDER O FÔLEGO



Figura 3: Arte de Hendrelc
Fonte: Museu do Isolamento Brasileiro

Em *Discurso: estrutura ou acontecimento* (2008), Pêcheux propõe pensarmos a noção de discurso a partir de uma materialidade significativa carregada de historicidade. Nessa conjuntura, trata-se de tomar o signo não como a união de um significante e um significado, tal como Ferdinand de Saussure propôs em seu *Curso de Linguística Geral* (1916), mas como uma materialidade constituída por uma estrutura e por um acontecimento que (des)regularizam certos valores ideológicos gerados por meio de conflitos e tensões na enunciação.

Além disso, para ocorrer esse processo de tensões, conflitos e atravessamentos de valores no processo discursivo, não podemos deixar de abordar a memória discursiva que se difere da simples lembrança pessoal. Trata-se de uma esfera coletiva e social que (re)produz a emergência de condições necessárias para o processo interpretativo de textos inscritos no seio da vida social; é algo que sempre fala antes, alhures, em outro lugar.

É, pois, da memória discursiva que é possível retomar discursos já ditos, atualizando-os em relação à historicidade do acontecimento discursivo que irrompe. Logo, ao depararmos com certa estrutura, no bojo de um acontecimento, vemos a materialização de uma memória social que é determinada historicamente. Em nosso *corpus*, a memória social retomada configura-se pela “normalidade” que conhecíamos antes da pandemia da Covid-19, das relações sociais que tínhamos antes da necessidade do isolamento, do distanciamento social e dos novos hábitos de higiene pessoal. O acontecimento da pandemia desregula essa memória de “normalidade”, de conceitos pré-construídos acerca dessas relações sociais e faz com que (res)signifiquemos nosso lugar enquanto sujeitos inscritos numa “nova normalidade” ou “novo normal”, sem abraços, beijos, aglomerações no geral, por exemplo.

O Museu do Isolamento Brasileiro se estabeleceu em várias plataformas digitais (*página eletrônica, Facebook, Instagram*) com o objetivo de “difundir a arte em tempos de isolamento”, ou seja, trata-se de um espaço de exposição que conclama a participação de diferentes sujeitos e(m) suas formas de expressão. Isso produz um deslocamento de saída, já que, pelos efeitos estabilizados pela memória discursiva, um museu congrega diversas obras, artistas, público e críticos articulados física e simultaneamente. No caso, o acervo vai se constituindo aos poucos à medida que as obras são enviadas e recebidas, o que cria um protocolo aberto já que não existe nada articulado *a priori*. Tudo depende do que se coloca na rede.

¹⁵ Imagem do Museu do Isolamento Brasileiro. Disponível em: <https://www.museudoisolamento.com/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

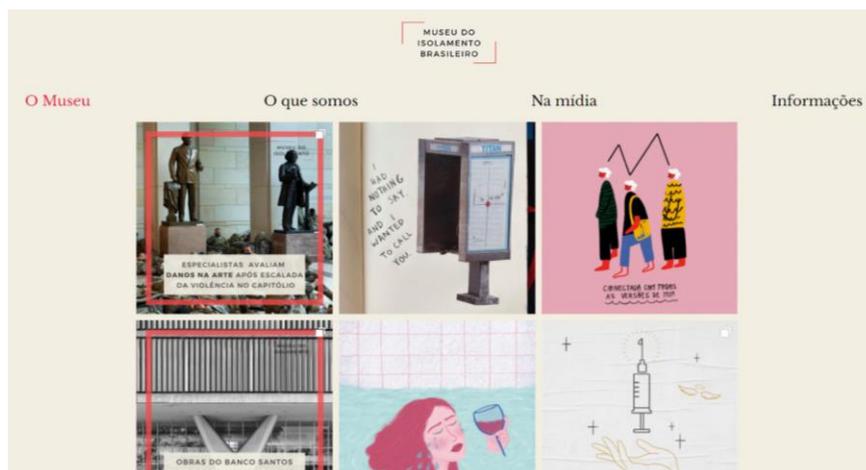
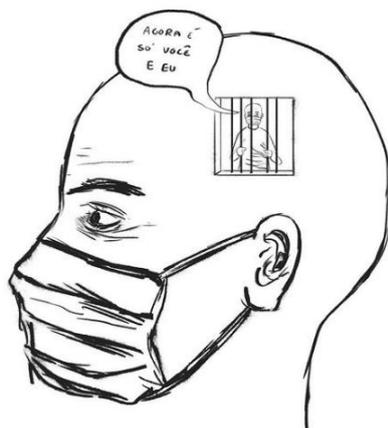


Figura 4: Página do Museu do Isolamento na rede¹⁶
 Fonte: Museu do Isolamento

Assim, na figura abaixo, vemos uma primeira representação desse novo contexto social de quarentena, do “novo normal”, marcado não só pelo isolamento social, mas pelas constantes incertezas sobre os caminhos e os conflitos internos causados por essa situação.



@TTNEMSEMPRE 17

Figura 5: Arte de Guilherme Giorgiano
 Fonte: Museu do Isolamento

Na perspectiva pecheuxtiana, podemos dizer que a imagem configura um primeiro embate entre redes de memória já construídas e estigmatizadas e o acontecimento discursivo da pandemia. De um lado, vemos a memória social da “normalidade” em confronto com o denominado “novo normal” instituído que busca se (r)estabelecer e estabilizar tais implícitos já ratificados no nosso cotidiano antes da pandemia, e de outro, a força da desregulação e perturbação desse já dito que irrompe com o acontecimento da Covid-19 no mundo e faz (res)significar nossas relações sociais.

Logo, a máscara sob o nariz e a boca simboliza o efeito dessa normalidade estabelecida a partir da fratura dos sentidos que antes eram evidentes para o convívio social, o cuidado de si, a circulação e mobilidade na cidade. Agora é preciso se cobrir para evitar a infecção, é preciso manter a distância, é preciso usar protocolos de higiene nunca empreendidos. Podemos tomar a máscara como um elemento importante que marca esse acontecimento discursivo da pandemia, é ela que assume um duplo papel: por um lado, rompe e desregula a memória social do discurso da

¹⁶ Disponível em: <https://www.museudoisolamento.com>. Acesso em: 20 jan. 2021.

¹⁷ Disponível em: www.instagram.com/p/CFLCKwRHJFO/. Acesso em: 11 jan. 2021.

normalidade anterior à pandemia e, por outro, inscreve-se como instância discursiva que possibilita a emergência desse acontecimento na história, (re)significa discursos já ditos. Ou seja, o mundo mudou e foi um imperativo para os sujeitos também mudarem de posição frente ao que era legitimado como evidente num “velho normal” que conhecíamos.

Trata-se, metonimicamente, da representação das mudanças necessárias causadas pela doença – isolar-se, distanciar-se dos outros, proteger a si e ao outro – cujo discurso e seus efeitos são capazes de (re)contar diferentemente tudo que conhecíamos antes da Covid-19. Nada será como antes, a vida tornou-se o bem mais precioso; é, aos olhos da ciência, um gesto de amor ao próximo utilizar tais insumos. Além disso, a máscara, usada como um adereço indispensável, instaura uma nova memória sobre esse acontecimento discursivo, isto é, o que antes era comum apenas em hospitais, em situações esporádicas e em casos gerais na recuperação de pacientes, assumiu contornos essenciais contra o processo de disseminação do vírus, ocupando uma instância discursiva que qualifica a constituição desse “novo normal” que irrompe.

Embora haja tantas mudanças e significativas transformações nas formas de nos relacionarmos, outro fator de destaque é a saúde mental de todos. A figura inscreve a realidade latente que vivemos, o isolamento e(m) suas consequências, uma realidade marcada inclusive pelas grades, seja da mobilidade restrita, seja da suposta liberdade submetida a leis e protocolos urbanos, seja da incerteza diante da doença. Além da batalha contra o vírus, é preciso, diariamente, travar uma luta com a nossa própria (r)existência num contexto de pandemia, em que precisamos lidar com nós mesmos, nossos medos e nossas inseguranças.

Na imagem, vemos “agora é só você e eu”, o enunciado reforça o quanto as mudanças sociais ocasionadas por esse acontecimento na história promoveu (e ainda promove!) em nossa saúde mental, e o quanto é importante, também, destacar os cuidados para evitar outra possível doença que pode matar, como a depressão. Tudo isso se configura como estratégias de preservação da vida diante da iminência de morte causada pela Covid-19.

Já na figura 6, temos uma fotomontagem a partir do quadro *Operários*, da pintora brasileira Tarsila do Amaral. No caso, a máscara irrompe como uma regularidade a instalar os efeitos de cuidado, prevenção e vida.

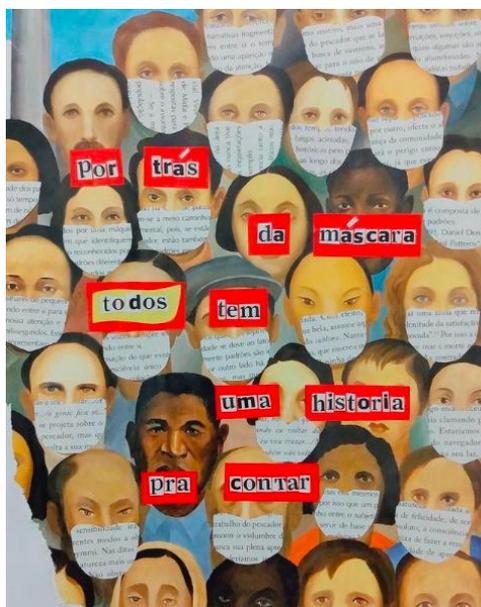


Figura 6: Arte de Anny Souza¹⁸
Fonte: Museu do Isolamento

A obra manifesta a diversidade de trabalhadores marcados por traços de abatimento, cansaço e apatia; não importam a nacionalidade, cor, raça, etnia, ideologia de cada um isoladamente, mas o conjunto deles. Uma série em que os olhos pesam, não apenas ontem... Na

¹⁸ Disponível em: www.instagram.com/p/CGQmNOVnfkN/. Acesso em: 11 de jan. 2021.

pandemia, do rosto, só sobraram os olhos expostos, já que quase todo o resto fica coberto. Os trabalhadores de ontem, usando a máscara de proteção de hoje, fazem falar outros efeitos de cansaço, apatia, desânimo, medo, qual seja, não apenas aqueles derivados do estresse e sobrecarga do *home office*, mas também os estabelecidos pelo medo de morrer. Lutamos (quase) todos em prol da vida, assim, a máscara tornou-se símbolo da prevenção, proteção, cuidado e do amor a partir de 2020.

Há, com isso, um jogo interdiscursivo que faz o passado se reconfigurar a partir das condições sócio-históricas do presente, o velho se redefinir como novo na busca pela vida. Trata-se, assim, de “um jogo de força na memória sob o choque do acontecimento” (PÊCHEUX, 2010, p. 53), ou seja, no acontecimento da pandemia, vimos as mudanças sendo instauradas por meio do uso de máscara e álcool. É a irrupção de novas instâncias discursivas que são capazes de (res)significar nossas práticas já cristalizadas; assim, “use máscara” e “usar máscara salva vidas” dão notícias de um deslocamento de sentidos gerado pela pandemia. É no campo da constituição dos sentidos, “pleno em esburacamentos e saturações, a partir do qual vão se construindo os sentidos, as interpretações possíveis, reiterando aquilo que já está posto, mas também se abrindo para que o novo possa se construir entre os sujeitos do discurso” (MUÑOZ; PETRI; BRANCO, 2017, p. 48).

Ademais, Pêcheux (2010, p. 53) afirma que “sob o ‘mesmo’ da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva (...). Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase”. Nesse caminho, sob a repetição de uma memória, trazida pela imagem do quadro de Tarsila do Amaral e, agora, modificada em decorrência da pandemia, vemos uma repetição de enunciados que irrompem na história, (res)significando o já dito e (re)pensando-o a partir das novas condições de produção. A máscara, novamente, discursiviza um ícone do acontecimento históricos, científico e discursivo, e instaura os implícitos que são absorvidos pela memória.

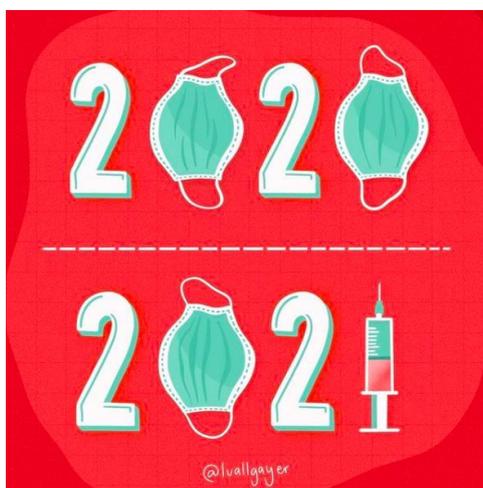


Figura 7: Arte de Luiza Allgayer¹⁹

Fonte: Museu do Isolamento

¹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJdvVqMn0F-/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

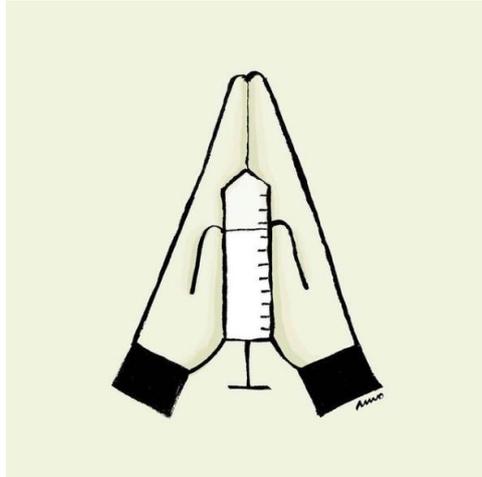


Figura 8: Arte de Mano Montes²⁰
Fonte: Museu do Isolamento

A figura 7, mais uma vez, reforça os novos caminhos para a corrida contra o vírus. 2020 foi um ano de profundas transformações sociais, em que a máscara tornou-se símbolo mundial de prevenção da vida, de instauração de novos implícitos acerca da memória social de vida que conhecíamos. Sob a forte disseminação do vírus num acontecimento marcante na história, a esperança, em 2021, é a busca por uma vacina que evitará a perda de milhares de pessoas. O vermelho da imagem faz falar o sangue dos mortos, dos profissionais da saúde, que dão o sangue em plantões exaustivos dentro dos hospitais e dos pesquisadores que, desde o início da pandemia, correm contra o tempo na procura de um tratamento, de uma vacina e, possivelmente, da cura para evitar mais óbitos.

A substituição do número um pela seringa, em 2021, reforça o efeito de esperança por grandes mudanças no tocante aos rumos da pesquisa pela vacina e, assim, de imunização de toda a população mundial. Vemos, novamente, o acontecimento da pandemia desregular os implícitos de memória sobre as vacinas, tornando-as, nesse novo cenário, o principal fator de construção de um ano fundamental e marcante para a saúde e para a população, a marca de um possível “novo” recomeço. É, pois, com a vacina que teremos a esperança de retomar, algum dia, algumas de nossas atividades e relações sociais antes da doença; sabemos que aquela normalidade de antes nunca se repetirá (ou sequer existiu!), mas torna-se, com o processo de imunização, traços para construirmos outras relações de sentidos sobre viver/sobreviver e morrer.

Observamos, com isso, um novo acontecimento científico emergindo na história, a vacina. Diante dos implícitos já construídos acerca da vacinação de outras doenças, nesse momento, é considerada por todo o mundo um objeto de valor inestimável e precioso, como o único responsável por salvar vidas. A memória em torno da vacina é (res)significada, desregulada em razão desse acontecimento da pandemia, causando novos implícitos que a memória social tenta novamente estabilizar. Dito de outro modo, a memória discursiva sobre vacinas e imunização, já conhecidas e regularizadas pela ordem do repetível, é abalada pela irrupção desse acontecimento da pandemia que recoloca uma movimentação na rede parafrástica dos sentidos relativamente cristalizados, e coloca em evidência a vida em oposição à morte.

A figura 8 inscreve a vacina dentro de duas mãos juntas, como se derivasse delas. As mãos juntas constituem um sinal muito utilizado nas formas de comunicação na rede digital, já que inscreve o repetível do gesto de agradecer, rezar, orar e clamar aos céus; na textualidade eletrônica, o funcionamento dessa imagem marca-se como sinônimo de “rezando”, “tomara”, “à espera”, “na torcida”. No caso da pandemia, a vacina nasce dentro dessas mãos unidas, o que marca a polissemia nos termos de: i. muitos pesquisadores e centros de estudo de diferentes nacionalidades unidos e articulados em prol da vacina e da cura; ii. a torcida de todos em prol de ambas; iii. a esperança e luta pela vida. Vemos, novamente, a oposição instaurada nesses discursos

²⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJrRWsiHVY9/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

da imunização, quais sejam, vida *versus* morte, ciência *versus* negacionismo, pois se é preciso defender uma vacina é porque a evidência do tratamento não é um sentido naturalizado.

Entre as mãos, há o gesto de sustentar a vacina, um objeto de valor incalculável, o que representa metonimicamente todo o trabalho desenvolvido pelos sujeitos que fazem ciência no país. Nessa cenografia da imunização, há pessoas que acreditam e têm a fé na vacina, e com isso instalam o gesto de oração no movimento das mãos cobrindo a seringa. Há ainda um conjunto de discursos científicos, de diferentes partes do mundo, desenvolvendo estudos e atestando a eficácia das vacinas²¹ como ferramentas fundamentais para a diminuição da infecção, casos graves e mortes.

Logo, sob as redes de memórias em discurso é que podemos retomar discursos já-ditos, atualizando-os à historicidade do acontecimento discursivo. O acontecimento discursivo da pandemia provoca uma desestabilização e desloca espaços de memória de itens indispensáveis na saúde – máscara, vacina, por exemplo – para novos lugares enunciativos como sinônimos de ferramentas essenciais para o combate da morte. As representações artísticas produzidas nesse memorial inscrito no meio digital assumem contornos de resistência à política genocida do (des)governo brasileiro, promovendo uma tensão dos enunciados logicamente estabilizados e conduzindo tensões, conflitos com enunciados já ditos de uma memória social irrompidos com o acontecimento da pandemia. Trata-se da tensão entre plurivocidade *versus* univocidade de sentidos criados no bojo das relações sociais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Figura 9: Arte de Aline Wanz
Fonte: Museu do Isolamento

Diante da iminência da morte em razão da disseminação de um vírus e da ineficiência do (des)governo no controle da sua infecção, aprendemos a nos reinventar e a deslocar sentidos que antes pareciam cristalizados. As transformações sociais permitiram reavaliar as práticas sociais e científicas, (res)significando-as a partir das novas condições de produção. A emergência do acontecimento discursivo da pandemia promoveu outras instâncias de memória coletiva, desregulando implícitos de uma “normalidade” aparente e transformando-a em um contexto de “novo normal”.

Os memoriais virtuais, no caso o *Museu do Isolamento*, servem como refúgio e resistência à política de morte latente em nossa sociedade brasileira contemporânea, em especial àquela empreendida pelo executivo nacional. Resistir é da ordem da ruptura e do deslocamento que se

²¹ No dia 17 de janeiro de 2021, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, a ANVISA, autorizou o uso emergencial de duas vacinas no Brasil, a primeira elaborada pelo laboratório Sinovac, da China, em parceria com o Instituto Butantã, em São Paulo; a segunda é produzida pela Universidade de Oxford, na Inglaterra, em parceria com a empresa farmacêutica AstraZeneca. Trata-se, a nosso ver, de outro acontecimento marcante na história que destaca, por um lado, o primeiro registro de uma vacina no âmbito emergencial e, por outro, a pesquisa científica como ferramenta fundamental, importante e necessária no combate ao vírus e ao negacionismo.

²² Imagem do Museu do Isolamento. Disponível em: <https://www.museudoisolamento.com/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

materializa no interior da língua, como forma de equívoco e contradição, da história, marcada pela luta de classes, e do sujeito, por meio do inconsciente (LEANDRO-FERREIRA, 2015).

A resistência, diante disso, é constitutiva do processo discursivo, é a possibilidade de (des)dizer o já-dito rompendo com imaginários pré-estabelecidos que promovem uma separação entre ideologias dominantes e dominadas. Ora, sabemos que não há um “ritual sem falhas”, como diz Pêcheux (2014, p. 277), pois o sujeito não controla o seu dizer; assim, uma memória discursiva sustenta os sentidos possíveis que, fraturados, irrompem como outros modos de dizer, dispersar e significar.

Com a irrupção do acontecimento da pandemia, alguns implícitos puderam ser ditos e foram se constituindo como dominantes na memória social. Tais memoriais virtuais emergiram como forma de reinterpretar práticas sociais já consolidadas e colocá-las em discussão, (re)definição e ruptura como um acontecimento de linguagem. O *Museu do isolamento* (res)significa os sentidos de arte, vida e pandemia, resiste ao obscurantismo impregnante e discursiviza outros fios de memórias coletivas que se instauram a partir desse acontecimento discursivo.

Em uma corrida sem precedentes contra um vírus, vemos, assim, diversos especialistas de diferentes áreas se unindo, não medindo esforços para compreender todo esse acontecimento científico e as transformações sociais por ele geradas. Trata-se, a nosso ver, de marcar aos olhos da ciência uma desnaturalização desse “novo normal”, de promover e propor novos gestos de leitura sobre movimentos e transformações sociais que nos (re)definem diante das adversidades, combatendo, desse modo, a grande desinformação gerada por negacionistas e/ou descrentes de métodos comprovados na busca pelo bem da vida e dos seres. É o discurso e a prática caminhando lado a lado para a preservação da vida, pois como sabemos sujeito e sentido, língua e história se constituem juntos.

Enfim, em tempos de grandes efervescências sociais, a resistência se tornou uma palavra bastante cara, fazendo circular movimentos diversos que ratificam a preservação de nossos direitos já garantidos pela Constituição. O Brasil se vê numa grave crise sanitária, política e ética comprovada pela crueldade de um (des)governo que a todo custo tenta sufocar nossa democracia, minimizar mortes e o vírus, disseminar mentiras mascaradas de “verdades”, criar efeitos de obscurantismo, violência e preconceito. A nós, cientistas da linguagem, resta-nos continuar a atravessar a opacidade dos ditos e a enunciar cientificamente caminhos de observação e interpretação dos discursos, marcando em nossa voz diferentes maneiras de resistir ao autoritarismo e ao fascismo; eis nosso próprio manifesto.

REFERÊNCIAS

- ALLGAYER, L. Sem título. *Instagram Museu do Isolamento*, 31 dez. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJdvVqMn0F-/>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- BALDINI, L; NASCIMENTO, E. M. “Esse verso é um pouquinho de uma vida inteira...”: os inumeráveis e a morte inominável. *Linguasagem*, v. 37, n. 1, p. 69-90, 2021. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/857/489>. Acesso em: 19 mai. 2021.
- BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. *Mal líquido: vivendo num mundo sem alternativas*. São Paulo: Zahar, 2019.
- BBC. O que diz o “estudo” alemão sobre máscaras em crianças, tema citado em live por Bolsonaro. 26 fev. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/volta-as-aulas/noticia/2021/02/26/o-que-diz-o-estudo-alemao-sobre-mascaras-em-criancas-tema-citado-em-live-por-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 18 mai. 2021.
- Estado de Minas. Há um ano, Bolsonaro chamava COVID de gripezinha em rede nacional; relembre. 24 mar. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/03/24/interna_politica,1250005/ha-um-ano-bolsonaro-chamava-covid-de-gripezinha-em-rede-nacional-relembre.shtml. Acesso em: 18 mai. 2021.
- GIORGIANO, G. Sem título. *Instagram Museu do Isolamento*, 15 set. 2020. Disponível em: www.instagram.com/p/CFLCKwRHJFO/. Acesso em: 11 jan. 2021.

- GOOGLE NOTÍCIAS. Coronavírus (COVID-19): Brasil. 20 maio 2021. Disponível em: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F015fr&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>. Acesso em: 20 mai. 2021.
- G1. Qual é a origem do novo coronavírus? 27 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/qual-e-a-origem-do-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 18 mai. 2021.
- HENDRELC. Sem título. *Instagram Museu do Isolamento*, 7 dez. 2020. Disponível em: <https://www.museudoisolamento.com> Acesso em: 20 jan. 2021.
- LEANDRO-FERREIRA, M. C. Resistir, resistir, resistir...primado prático discursivo! In: FERRARI, A. S. Et al. (Orgs.). *Discurso, resistência e...* Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2015, p. 159-167.
- MONTES, M. Sem título. *Instagram Museu do Isolamento*, 5 jan. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJrRWsiHVY9/>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- MUÑOZ, J. M. L.; PETRI, V.; BRANCO, N. L. História, memória e gestos de interpretação: uma experiência linguística no Museu de Cádiz. In: VENTURINI, M. C. (Org.). *Museus, Arquivos e Produção do Conhecimento em (Dis)Curso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- ORLANDI, A *linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- PÊCHEUX, M. A análise de discurso : três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2008.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. (org.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2010.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* [1975]. Trad. Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. 3ª edição, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- PERSEGUIM, G. Sem título. *Instagram Museu do Isolamento*, 28 jul. 2020. Disponível em: <https://www.museudoisolamento.com> Acesso em: 20 jan. 2021.
- SANTOS, S. S. B. Pêcheux. In: OLIVEIRA, L. A. *Estudo do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013.
- SOUSA, L. M. A.; GARCIA, D. A.; HERCULINO. B. M. Luto e(m) rede social: quando o poético ajuda na cicatrização. In: (Orgs.). Angela Corrêa Ferreira Baalbaki e Luiz Felipe Andrade Silva. *Discursos da pandemia: entre dores e incertezas*. Campinas, Pontes Editores, 2020.
- SOUZA, A. Sem título. *Instagram Museu do Isolamento*, 12 out. 2020. Disponível em: www.instagram.com/p/CGQmNOVnfn/. Acesso em: 11 de jan. 2021.
- TOYAMA, Laura. Sem título. *Instagram Museu do Isolamento*, 15 set. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFLQK5Lnsbf/> Acesso em: 20 jan. 2021.
- WANS, A. Sem título, *Instagram Museu do Isolamento*, 11 jan. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFLQK5Lnsbf/> Acesso em: 20 jan. 2021.

Recebido: 23/1/2021

Aceito: 10/10/2021

Publicado: 24/11/2021